



A Semana

Volkswagen/ Fábrica de horrores

A direção da montadora mantinha “estreita colaboração com a ditadura”

No colo de Aras

Na terça-feira 30, o ministro do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski entregou ao procurador-geral da República, Augusto Aras, e à corregedora-geral do Ministério Pùblico, Elizeta dos Santos, as mensagens hackeadas de procuradores da Lava Jato e apreendidas pela Pùlícia Federal durante a Operação Spoofing. No despacho, o magistrado diz que a pericia nos diálogos foi concluída e encaminhou o material ao procurador-geral para “ciência” e adoção de “medidas cabíveis”. Além de chefiar a PGR, Aras é presidente do Conselho Nacional do Ministério Pùblico, responsável por fiscalizar a conduta de integrantes do Ministério Pùblico.



No aniversário do golpe de 1964, o Ministério Pùblico Federal divulgou um relatório sobre a colaboração da Volkswagen com a ditadura, fruto de investigação iniciada em setembro de 2015, com a colaboração do Ministério Pùblico de São Paulo e do Ministério Pùblico do Trabalho. “A empresa, por decisão de sua alta direção no Brasil e conivência da direção da matriz na Alemanha, se envolveu diretamente na perseguição política a opositores do regime ditatorial”, diz um trecho do documento. “Adotou-se a prática rotineira de delatar trabalhadores e trabalhadoras aos órgãos de polícia política, expondo-os conscientemente a prisões ilegais e tortura. Facilitou-se a realização de prisões ilegais nas dependências da companhia, assim como a perpetração de atos de tortura física e psíquica dentro de seus escritórios.”

Em setembro, a Volkswagen assumiu o compromisso de destinar 36,3 milhões de reais a ex-funcionários presos, perseguidos e torturados pela ditadura. A montadora relutava, porém, em admitir o envolvimento de seus diretores nas práticas persecutórias. A

investigação do MPF comprova o oposto. Em 1969, a empresa contratou o coronel Adhemar Rudge, do Exército brasileiro, para cuidar de seu departamento de segurança industrial. Mas a cooperação não se resumiu a esse fato. “Documentos (localizados no Dops) revelam que o presidente da VW do Brasil tinha ciência e se imiscuía em decisões relativas à participação da empresa na repressão política”, diz o relatório, ao apresentar o registro de uma conversa telefônica do coronel Adhemar com os agentes do regime.

“A cumplicidade chegou ao ponto de a empresa participar intelectual e materialmente da criação de falsas versões sobre o paradeiro de trabalhadores, ludibriando as famílias, quando se sabia que os funcionários se encontravam presos e submetidos à tortura”, acrescenta o relatório. “O apoio da Volkswagen à perseguição política foi uma decisão de sua diretoria brasileira. Porém, há indícios veementes de que essa conduta era de conhecimento da diretoria da matriz, na Alemanha, à qual não se opôs. Ao contrário, segundo declarações do seu presidente à época, havia total apoio à postura da subsidiária de agir em sintonia com a ditadura.”



7.4.21

Desigualdade/ O povo à míngua

O novo auxílio emergencial não é suficiente para cobrir a linha da pobreza

O novo auxílio emergencial, com valor médio de 250 reais, não é suficiente para cobrir a linha de pobreza no Brasil. Com o aumento da inflação, o valor não supre as necessidades básicas de alimentação, higiene e limpeza das famílias em situação de vulnerabilidade em nenhuma das 27 unidades da federação. As conclusões são de um estudo feito pelos pesquisadores Naércio

Menezes Filho e Bruno Komatsu, do Insper, e revelado pela BBC Brasil.

Os economistas simularam o impacto dos repasses na redução da pobreza e chegaram à conclusão de que o valor tão baixo não provocará mudança significativa dos indicadores sociais. Após três meses de suspensão do auxílio emergencial, o governo federal topou pagar mais quatro parcelas a partir de abril, com benefícios reduzidos e para um menor número de favorecidos. No ano passado, o programa custou aos cofres públicos quase 291 bilhões de reais. Para 2021, foram reservados apenas 44 bilhões.



O valor não supre as necessidades básicas das famílias em situação de vulnerabilidade

Esperança contra o vírus

A Anvisa recebeu, na terça-feira 30, pedido de uso emergencial de um medicamento para combater a Covid-19. Desenvolvido pela empresa Eli Lilly, o fármaco é uma combinação de dois tipos de anticorpos monoclonais, produzidos artificialmente, o banlizumabe e o etesevimabe. A FDA, agência reguladora dos EUA, aprovou em novembro o uso do banlizumabe para tratamento de pacientes com elevado risco de progredir para quadros graves e internação. Segundo a Anvisa, o prazo para análise da solicitação é de 30 dias.

Pandemia/ QUEM DEFENDE A VIDA?

PREFEITO DE ARARAQUARA RECEBE AMEAÇAS POR LOCKDOWN BEM-SUCEDIDO

Com 238 mil habitantes, Araraquara ganhou projeção nacional após o bem-sucedido lockdown liderado pelo prefeito Edinho Silva. Com os hospitais à beira do colapso, o petista impôs rígidas medidas de restrição à circulação, permitindo apenas o funcionamento de atividades consideradas essenciais. Deu certo. De 21 de fevereiro a 21 de março,

o número de novos casos de Covid despencou 57,5% no município paulista, enquanto o estado registrou alta de 40%. A queda de óbitos na cidade no mesmo período foi de 39%.

Apesar do inegável sucesso das medidas, Edinho Silva passou a ser alvo de ameaças nas redes sociais. No Facebook, um comerciante chegou a perguntar onde

o prefeito mora, acrescentando emojis de caixões, facas e caveiras na publicação. Provocado por outro usuário da rede social, que duvidou de sua real disposição, ele acrescentou: "Aqui tem coragem, mas queria só um round com ele primeiro. Depois ia esfaquear de baixo pra cima". A Polícia Civil abriu um inquérito para apurar o caso.



Edinho Silva conseguiu desafogar as UTIs



A Semana

Vítima política

Após uma crise política desencadeada pela compra de vacinas, o primeiro-ministro da Eslováquia, Igor Matovic, decidiu entregar o cargo na terça-feira 30, tornando-se o primeiro líder mundial a cair por críticas à gestão na pandemia. Ainda que a vacina russa Sputnik V não tenha sido aprovada até o momento pela União Europeia, o ex-premier firmou um acordo bilateral com a Rússia, garantindo a entrega dos 2 milhões de imunizantes no início de março. A decisão foi duramente criticada por opositores e até correligionários de Matovic, que viram na medida um reforço da influência russa no país.



Canal de Suez/ Caminho aberto

O meganavio volta a flutuar após seis dias encalhado

Após seis dias de apreensão, prejuízos bilionários, retenção do tráfego marítimo mundial e piadas que animaram a internet, o cargueiro Ever Given voltou a flutuar e desencalhou da margem do Canal de Suez, liberando a passagem para os demais navios. Com 400 metros de comprimento e capacidade para 220 mil toneladas, a embarcação, uma das maiores do mundo, ficou atravessada no estreito fluxo artificial após desviar da rota em meio a uma tempestade de areia.

Com a ajuda de dragas que escavaram o solo desde o primeiro dia de bloqueio, além de rebocadores que tentavam mover-lo da margem, foi possível fazer o meganavio flutuar outra vez, um alívio para as autoridades do Egito, por onde passa a via navegável. O canal é o caminho mais curto entre a Ásia e a Europa e por ele passam em torno de 12% de todo o comércio global. O prejuízo direto e indireto causado pela paralisação do fluxo é estimado em mais de 300 bilhões de reais.

México/ A TRAGÉDIA É AINDA PIOR

NÚMERO REAL DE MORTES POR COVID É 60% MAIOR QUE O ANUNCIADO

O governo do México reconheceu, no sábado 28, que o número real de óbitos causados pelo Coronavírus no país é perto de 60% maior do que o anunciado até agora, o que faria a nação ultrapassar o Brasil no total de vítimas fatais. O Ministério da Saúde revisou os indicadores e chegou à conclusão de que 294 mil mexicanos morreram na pandemia até fevereiro, e não os 182 mil apontados na época.

O total de óbitos cresceu em quase 27 mil de lá para cá, de forma que hoje o país teria 321 mil vítimas, mais que o Brasil, que no início desta semana somava 312 mil mortes confirmadas. A nova conta coloca o país da América do Norte na segunda posição do ranking mundial de mortalidade, atrás apenas dos EUA, onde 550 mil pessoas perderam a vida desde o início da pandemia.

Especialistas alertam,

porém, para a subnotificação de óbitos também por aqui. Segundo o Observatório Covid-19, da Fiocruz, 415,5 mil brasileiros já morreram por Síndrome Respiratória Aguda Grave, do início da pandemia até 25 de março. Devido ao atraso das notificações de óbito pela doença e aos casos não registrados por falta de testes, pesquisadores acreditam que o número real mortes por Covid no Brasil é superior a 400 mil.



Os mexicanos estão na vice-liderança do total de mortes

TAREK WAJEH/AFP E PEDRO PARDO/AFP